



Crônica da Cidade

>> (cartas: SIG, Quadra 2, Lote 340 / CEP 70.610-901)

por Conceição Freitas >> conceicofreitas.d@adabr.com.br

Os amores de Darcy

Hoje, tinha tudo para ser um desses dias em que o santo não baixa e, portanto, a crônica não aparece na ponta dos dedos. Voluntariosa, ela só aparece quando quer, ela não tem compromisso com a pauta, com a agenda, com os horários, nem mesmo com a garantia do meu emprego. Quando ela não quer, ela não aparece e pronto. Azar o meu. Sorte que um anjo da guarda deixou so-

bre minha bancada um livro de Darcy Ribeiro, *Testemunhos*, lançado pela UnB/Apicuri há dois anos. Folheei a obra na esperança de encontrar uma crônica escondida entre as 208 páginas, atrás da orelha, em alguma frase solta.

Encontrei uma crônica pronta, de qualidade excepcional, quente de luxúria, viscosa de amor, derramada de afeição bem brasileira. Mas não era minha. É de Darcy. Texto de cinco páginas e meia na qual ele trata dos amores vividos. Peço licença ao leitor deste pé de página para reproduzir aqui alguns trechos espantosamente sedutores das confissões amorosas do antropólogo que não soube amar somente as mu-

lheres, amou intensamente o Brasil, país de personalidade complexa, que ele ajudou a deslindar.

Ao Darcy e seus amores:

“As mulheres sempre me interessaram soberanamente. Desde que me lembro de mim, criança ainda, me vejo embolado nelas. Carente, pedindo carinho. Encantado, querendo encantar. Quis ter muitíssimas, se conto as duas ou três que sempre tive em mente com a senhora dos meus desejos. Alcancei a graça de pouquíssimas. Uma pena.”

“Foram elas, são elas, o sal de minha carne, o gosto e gozo de meu viver. Marinheiro neste mundo, amor é o vento que sopra minhas velas nas travessias. Aman-

do, navego por mares calmos e bravios, me sentindo ser e viver. Não posso é viver sem amor, desamado, na pasmaceira das calmarias; parado, bradando de ver o mar da vida marulhar à toa.”

“Um olhar trocado, instantâneo, me acende todo em expectativas. Antigamente, jovem, tímido demais, ficava nisto, esperando outra piscadela, com medo que me fugisse, nem olhares me desse mais. Maduro, fiquei meio ousado, impaciente. Ao primeiro sinal de assentimento provável me precipito. Assusto, assim, muitas vezes, amores levemente prometidos; nem isso, apenas insinuados, que perco porque os quero ter ali, e agora, pressuroso.”

Darcy, então, cita alguns de seus muitos amores: a jovem alemã, a moça mineira do carro-restaurante, a do alpendre, a do desastre de avião, a recém-casada, a hospedeira severa, a nissei, a moça de Araraquara (SP), as “paulistas mal-amadas”, a moça virando rapaz, a roceira uruguaia, a colega portenha, a suíça bela e muitas outras que não cabem aqui. Todas elas amores casuais que ele diferenciava das mulheres que amou “muito demais”. Essas, de amores carnavais passaram a ser parte espiritual dele, Darcy.

Ele termina o texto, de 1988, contando que finalmente chegou “o amor de ficar”, a quem ele esperava “desde o princípio”.